

DOI: <http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.v3n10p137-159>**QUATRO OLHARES *ENTRE-CIDADES*:****Instabilidade e habitar na pendularidade universitária para o Campus X – UEPA/Igarapé-Açu (PA)¹****FOUR LOOKS *BETWEEN-CITIES*: instability and dwelling in university commuting to the Campus X – UEPA/Igarapé-Açu PA)****CUATRO MIRADAS *ENTRE-CIUDADES*: inestabilidad y habitar en la migración pendular académica para el Campus X – UEPA/Igarapé-Açu (PA)****Felipe Ferreira Moreira**

Mestrando em Estudos Antrópicos da Amazônia pela Universidade Federal do Pará – UFPA e
Graduado em Geografia pela Universidade do Estado do Pará – UEPA.
ffm_kimera@hotmail.com

Recebido para avaliação em 15/01/2017; Aprovado para publicação em 16/11/2017.**RESUMO**

No município de Igarapé-Açu, estado do Pará, está localizado o Campus X, da Universidade do Estado do Pará, para o qual vários estudantes universitários empreendem diversos tipos de migração, entre as quais, a migração pendular. O objetivo central deste estudo é compreender as percepções espaciais, em relação à dinâmica pendular, que envolvem estudantes-migrantes universitários que se deslocam diariamente do seu município de residência para Igarapé-Açu a fim de buscar formação acadêmica no Campus da UEPA. Utilizamos uma atmosfera de pensamento fenomenológica para entrevistarmos quatro estudantes-migrantes, enfocando apenas estes relatos porque pretendemos antes de qualquer generalização sobre o supracitado contexto, compreender mais densamente rotinas pendulares e experiências de um cotidiano de ir-e-vir entre cidades vividas em meio ao trânsito constante. A migração diária de pessoas para estudar em outras cidades representa toda uma nova espacialidade vivida como um *entre-cidades*, preenchendo novas práticas e significações espaço-existenciais sobre as relações entre indivíduos/grupos e o seu habitar nas cidades. Como possíveis conclusões, percebemos um contexto pendular que fomenta percepções de passagem/trânsito enquanto instabilidades nas relações com/nas cidades por conta das constantes relações presença-ausência, abandono-retorno cotidiano.

Palavras-chave: Pendularidade; Estudante-Migrante; Trânsito Constante; Igarapé-Açu.**ABSTRACT**

In the municipality of Igarapé-Açu, Pará State, is located the Campus X, the Pará State University, for which several college students undertake various types of migration, including the commuting. The main objective of this study is to understand the spatial perceptions in relation to the commuting dynamics involving university students-migrants moving daily from their municipality of residence for Igarapé-Açu, in order to seek academic training on the Campus of UEPA. We use an atmosphere of phenomenological thought for interviewing four students-migrants, focusing only

¹ Este artigo é fruto de aprofundamentos e desdobramentos nas discussões presentes em: “Vivências e experiências pendulares: Lugares e deslugares na migração universitária para o Campus X - UEPA/Igarapé-Açu (PA). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade do Estado do Pará, Igarapé-Açu, 2015”, que contou com orientação da Profa. Ma. Laís Rodrigues Campos e co-orientação do Prof. Me. Wallace Wagner Rodrigues Pantoja.

on these reports because we want before any generalization about the above context, to understand more densely commuting routines and experiences in an intense go-and-come daily between experienced cities amid the constant traffic. The daily migration of people to study in other cities, is a whole new spatiality lived as a *between-cities*, filling new practices and space-existential meanings about the relationships between individuals/groups and their dwell in the cities. As possible conclusions, we noticed a commuting context that fosters perceptions crossing/traffic as instabilities in with/in cities relations because of the constant presence-absence relationships, everyday abandonment-return.

Keywords: Commuting; Student-migrant; Constant Traffic; Igarapé-Açu.

RESUMEN

En el municipio de Igarapé-Açu, Estado de Pará, se encuentra el Campus X, Universidad del Estado de Pará, por el que varios estudiantes universitarios realizan diversos tipos de migración, incluyendo la migración pendular. El objetivo principal de este estudio es comprender las percepciones espaciales en relación con la dinámica pendular que involucren a estudiantes-migrantes universitarios que se desplazan todos los días de su municipio de residencia para Igarapé-Açu, con el fin de buscar la formación académica en el campus de UEPA. Se utilizó una atmósfera de pensamieto fenomenológica para entrevistar a cuatro estudiantes migrantes, centrándose sólo en estos informes porque queremos antes de que cualquier generalización sobre el contexto anterior, comprender con mayor densidad rutinas y experiencias de un intenso ir-y-venir pendular entre las ciudades vivían a través del tráfico constante. La migración diaria de las personas a estudiar en otras ciudades, es toda una nueva espacialidad vivió como un *entre-ciudades*, llenando las nuevas prácticas y significados espacio-existencias sobre las relaciones entre los individuos/grupos y su habitar en las ciudades. Como posibles conclusiones, nos dimos cuenta de un contexto pendular que fomenta la percepción de cruzar/tráfico como inestabilidades en relaciones con/en las ciudades debido a las relaciones de presencia-ausencia constantes, diario abandono-retorno.

Palabras-clave: Migración Pendular; Estudiantes-Migrantes; Tráfico Constante; Igarapé-Açu.

INTRODUÇÃO

A migração diária de pessoas que fazem do fluxo um fenômeno de acesso para estudar e/ou trabalhar pela falta de oportunidades em seus municípios de origem residencial, representa toda uma nova exteriorização e interiorização de simbolismos que preencherão novas práticas (culturais e sociais), ritmos e rotinas diárias associadas a um dado contexto espacial e afetivo. Estudantes e/ou trabalhadores que realizam a migração pendular trazem consigo a especificidade de não vivenciar uma cotidianidade marcada, ou por uma migração definitiva de seu local de origem, ou por um processo de permanência por longos períodos com retornos esporádicos para seu local de origem, mas, todo um processo que o faz experimentar diariamente seus lugares e lugares alheios.

As discussões sobre essa espacialidade do migrante pendular envolvem e atingem o município de Igarapé-Açu, situado na mesorregião Nordeste Paraense, no Estado do Pará, onde há intenso movimento migratório estudantil devido à instalação do Campus X da Universidade do Estado do Pará (UEPA), o qual acolhe grande número de alunos dos mais

variados municípios paraenses, conotando um símbolo da fluidez espacial das populações na região². Igarapé-Açu vem, então, se inserir em um contexto de nossa sociedade contemporânea classificada por Tuan (1980) como marcada pela alta mobilidade, onde as impressões do migrante, mesmo que adquiram conotações de fugacidade e transitoriedade, não podem ser negligenciadas.

Ante o cenário de escassez que atinge cidades de diversos portes, poderíamos afirmar que a migração diária de pessoas para estudar em outras cidades ocorre, principalmente, pela falta de oportunidades em suas cidades de origem e/ou residencial, o que seria um caso “evidente” de pendularidade motivada por características estritamente socioeconômicas. Porém, pretendemos transcender esta estreiteza, apreendendo o migrante pendular a partir de suas intencionalidades cotidianas que espacializam sua existência nas cidades por onde transita diariamente.

Neste fenômeno migracional, processos de modernização e flexibilização do mercado de trabalho se manifestam “no olhar” de grandes contingentes populacionais como verdadeiros propulsores para os mais diversos tipos de rearranjos em seus modos de vida, percebidos e vividos nos lugares por laços culturais, sociais, familiares, etc. O desejo pela obtenção de renda com certa estabilidade financeira a cada mês, semana, etc., gera a sensação de que abandonar a casa, a família, as vivências construídas em seu município de origem/residência, por longos períodos durante o dia, pode ser um sacrifício que resulte em mais benefícios que malefícios.

Estes anseios envolvem os estudantes-migrantes, chamando particularmente atenção para esta pesquisa a constatação do fluxo migratório diário de universitários e universitárias rumo à Igarapé-Açu, inseridos dentro desse contexto não apenas de trabalho e estabilidade financeira, mas pautado também em anseios, sonhos, desejos e esperanças pessoais, familiares e sociais. Constatada esta dada realidade, partimos para uma indagação que irá, de modo geral, nortear o horizonte deste trabalho: Que experiências espaciais emergem no migrante em uma vivência cotidianamente marcada pelo ir-e-vir constante entre cidades?

Para alcançar respostas a esta problemática, traçamos como *objetivo geral*: compreender as percepções³ espaciais, em relação à dinâmica pendular, de estudantes-

² Para os limites deste artigo, partimos da seguinte consideração para nos remetermos à espacialidade: “(...) a percepção do espaço e a percepção da coisa, a espacialidade da coisa e seu ser de coisa não constituem dois problemas distintos. (...) Mas ela esclarece a percepção do objeto pela percepção do espaço, (...) nosso corpo não está primeiramente no espaço: ele é no espaço” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 205, Grifo nosso).

³ Para Merleau-Ponty (1999, p. 65-66, grifo do autor): “(...) a percepção é justamente este ato que cria de um só golpe, com a constelação dos dados, o sentido que os une — que não apenas descobre o sentido *que eles*

migrantes universitários que se deslocam diariamente do seu município de residência para Igarapé-Açu a fim de buscar formação acadêmica no Campus da UEPA. Estas experiências da migração podem levar a rupturas entre o conhecimento e o significado espacial que estudantes carregam consigo, seja como grupo ou como indivíduo.

Estar diariamente vivenciando experiências no município de origem e no município de estudos é um fenômeno que implica reestruturação nas vivências e experiências espaciais, implementando percepções constituídas por conta de uma vida em intenso movimento, que podem levar ao afloramento de sensações de estranhamento, ruptura, ressignificações sobre o ato de migrar, *estar* nas cidades, etc.

CONTEXTO ESPACIAL E PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Em termos populacionais, Igarapé-Açu apresentou 19.489 (dezenove mil quatrocentos e oitenta e nove) habitantes no ano de 2000, aumentando para 21.207 (vinte e um mil duzentos e sete) domiciliados em 2010 (IBGE, 2016). Além da sede municipal, o município possui 43 (quarenta e três) colônias agrícolas interligadas à sede. Essas colônias possuíam 12.911 (doze mil novecentos e onze) habitantes em 2000, obtendo um crescimento para a margem de 14.680 (quatorze mil seiscentos e oitenta) pessoas em 2010 (IBGE, 2016).

A UEPA de Igarapé-Açu surge neste município como forte ponto de referência para migrantes estudantis, sejam temporários ou permanentes, dos mais variados municípios e localidades paraenses. Os dados apresentados pela tabela 01 demonstram a dimensão estrondosa de uma realidade de intensa migração intermunicipal que ocorre em direção à Igarapé-Açu por ocasião dos estudos no Campus X, nos cursos de Pedagogia, Matemática, Geografia e Ciências Sociais.

Tabela 01 – Número de matriculados/matriculadas no Campus X a partir dos municípios de residência (2013 e 2015)

CIDADE	Nº DE ACADÊMICOS	
	2013	2015
Igarapé-Açu	125	210
Castanhal	113	205
Maracanã	12	18

têm, mas ainda faz com *que tenham um sentido*”, pois, “(...) não se poderia separar da percepção a consciência que ela tem, ou, antes, que ela é, de atingir a coisa mesma” (p. 500).

Santa Isabel do Pará	10	14
São Francisco do Pará	11	23
Magalhães Barata	2	4
Capanema	6	10
Belém	9	10
Ananindeua	2	5
Bragança	-	4
São Domingos do Capim	2	4
Irituia	-	1
Santa Maria do Pará	9	11
Nova Timboteua	-	4
Santa Luzia do Pará	-	3
Curuçá	1	3
Augusto Correa	1	3
Salinópolis	2	5
Peixe Boi	1	4
Terra Alta	-	2
Inhangapi	1	2
Ipixuna do Pará	1	1
Marituba	1	-
São Miguel do Guamá	6	10
Capitão Poço	3	4
Igarapé-Miri	-	1
Santo Antônio do Tauá	2	3
São João de Pirabas	-	1
Primavera	2	4
Vigia	-	1
Breves	-	1
Moju	1	-
Barcarena	1	2
Benevides	-	1
Abaetetuba	-	1
TOTAL DE ALUNOS QUE NÃO SÃO ORIUNDOS DE IGARAPÉ-AÇU	199	366
TOTAL DE ALUNOS MATRICULADOS NO CAMPUS	324	576

Fonte: UEPA - Campus X/Igarapé-Açu (2013, 2015) – Adaptada pelo autor.

Comparando o número total de matriculados da Instituição com o número de discentes oriundos de outras localidades, percebemos a disparidade entre a quantidade de acadêmicos que são residentes do município no qual se insere o Campus da UEPA, e os

acadêmicos que migram dos seus municípios de residência diariamente. Isso significa um considerável grupo social mobilizado para desenvolver uma específica atividade, vidas em grande parte norteadas e imersas num fluxo constante que têm como polo de atração o espaço universitário da UEPA em Igarapé-Açu.

Tais dados oficiais da UEPA denotam a migração intensa em direção à instituição e confirmam o fenômeno migratório como alternativa principal para alunos oriundos de outros municípios que pretendem ter o Ensino Superior e, para alcançá-lo, impelidos a deixar suas localidades. Dentro deste quadro migratório, entrevistamos quatro alunos e alunas, de quatro municípios diferentes, um migrante por município: Santa Isabel do Pará, Maracanã, São Francisco do Pará e Castanhal.

O parâmetro para a escolha dos entrevistados foi a disponibilidade de estudantes-migrantes em narrar suas rotinas pendulares, de forma que não houvesse uma limitação de tempo nas entrevistas. Aceita esta condição, conseguimos que as conversas transcorressem nas residências dos municípios de origem dos quatro estudantes-migrantes, acadêmicos dos cursos de Geografia e Pedagogia, identificados na pesquisa como estudante-migrante 1 (moradora de Santa Isabel do Pará), 2 (morador de Maracanã), 3 (morador de São Francisco do Pará) e 4 (moradora de Castanhal), anonimato garantido após acordo prévio com estes e estas.

Acompanhamos por meio das suas narrativas, suas trajetórias para o supracitado estabelecimento de Ensino Superior, com entrevistas realizadas no período que compreendeu do mês de dezembro de 2014 a fevereiro de 2015, não sendo necessário mais que um dia para cada entrevista. Após acerto prévio, houve autorização a gravar as conversas com um aparelho de celular, nos comprometendo em ocultar o nome das universitárias e universitários.

Para conseguir chegar o mais próximo possível do entendimento dos migrantes universitários sobre suas experiências e vivências pendulares a partir deles mesmos, elegemos entrevistas abertas ou em profundidade com estudantes que vivem diariamente em trânsito para a UEPA de Igarapé-Açu. Estas entrevistas nos ajudaram a melhor compreender, percepções espaciais traspassadas por um emaranhado de rodovias que possibilitam a ligação diária entre as cidades de Santa Isabel do Pará, Castanhal, São Francisco do Pará, Maracanã e Igarapé-Açu (Figura 01).

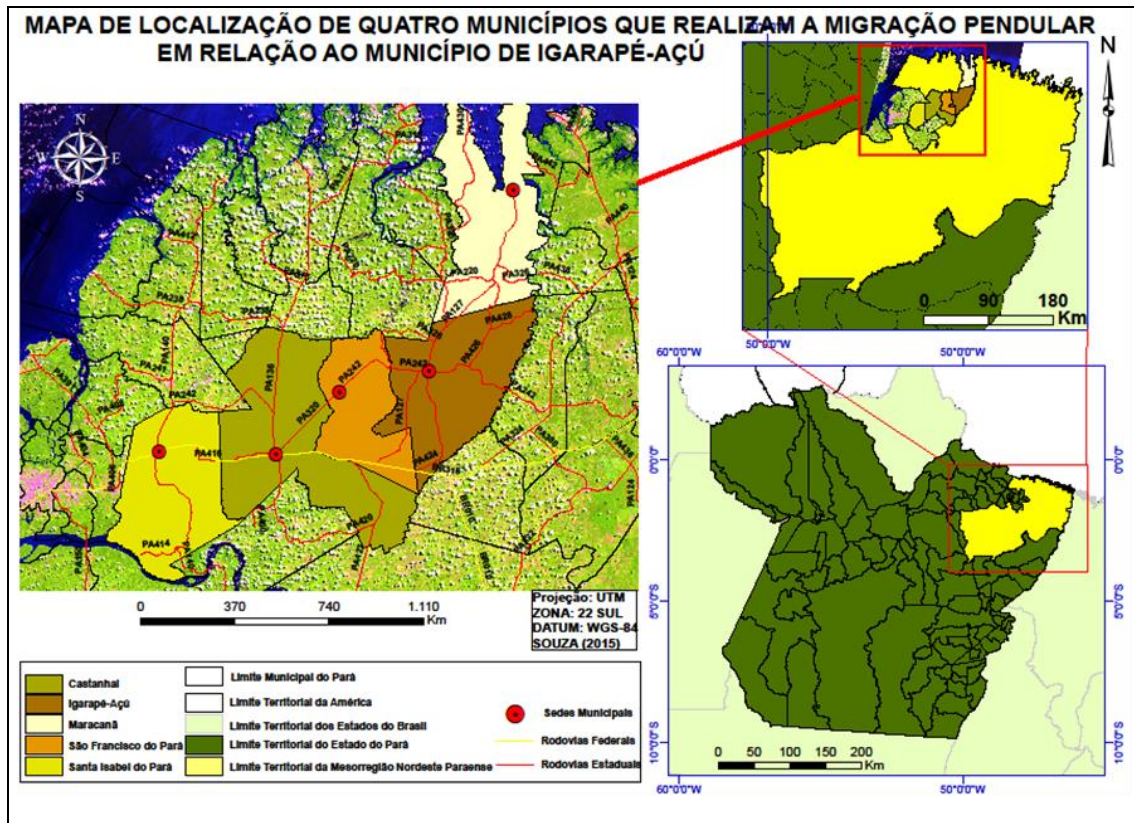


Figura 01 – Mapa das ligações rodoviárias entre as cidades de Santa Isabel do Pará, Castanhal, São Francisco do Pará e Maracanã com Igarapé-Açu

Fonte: QUANTUMGIS (QGIS)/WGS-84. Elaborado por: Fabricia Souza, (2015).

Das quatro cidades, Castanhal se destaca por ser considerada centro sub-regional e uma cidade média, tanto por conta do tamanho da sua população, em torno de 189.784 (cento e oitenta e nove mil setecentos e oitenta e quatro) domiciliados (IBGE, 2016), quanto por apresentar âmbitos de polarização em relação à estrutura produtiva, mercado de trabalho e importância política na região (TRINDADE JR, 2011).

Já os municípios de São Francisco do Pará, com 15.380 (quinze mil trezentos e oitenta) habitantes, Maracanã, com 28.656 (vinte e oito mil seiscentos e cinquenta e seis) habitantes e Santa Isabel do Pará, com 66.490 (sessenta e seis mil quatrocentos e noventa) habitantes (IBGE, 2016), são taxados como cidades de porte pequeno quando levamos em consideração os parâmetros populacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo que nenhum deles possui instituições de Educação Superior regularizadas, e efetivamente autorizadas a funcionar, pelo Ministério da Educação (MEC) (BRASIL, 2016).

Para uma melhor apreensão das relações entre este contexto espacial e as experiências pendulares, utilizamos uma metodologia que pudesse levar à compreensão com abordagem qualitativa, julgando necessário antes de qualquer procedimento, consultas bibliográficas em livros, artigos e sites da internet, onde além de embasamento teórico-

metodológico, buscamos dados do quadro populacional e educacional da região que abrange Igarapé-Açu. Foram consultadas também fontes secundárias disponibilizadas em documentos oficiais da administração do Campus X - UEPA de Igarapé-Açu, para uma ênfase na escala local da Instituição.

Consideramos a partir das leituras e das entrevistas com os estudantes-migrantes, que era possível desenvolver na pesquisa uma compreensão do supracitado contexto pendular em uma atmosfera de pensamento fenomenológica. Ao nos enveredarmos por este percurso metodológico, consideramos juntamente com Merleau-Ponty (1999, p. 149), que visualizamos melhor o ser habitando no espaço a partir do seu movimento “porque o movimento não se contenta em submeter-se ao espaço e ao tempo, ele os assume ativamente, retoma-os em sua significação original”.

Para uma melhor compreensão a partir desta atmosfera de pensamento fenomenológica, os quatro diálogos se mostraram suficientes para os limites desta pesquisa, pois enfocamos estes relatos com a pretensão de antes de qualquer generalização sobre o supracitado contexto, compreender mais densamente rotinas e experiências pendulares que (re)fazem vivências diárias. Neste sentido, para além de um tratamento quantitativo focado em questões referentes à tabulação de dados de campo, universo de pesquisa e amostragem, esta pesquisa se debruçou em entender mais detidamente relatos que deram “acesso” a vivências que não renunciaram dados populacionais, mas buscaram “horizontes de sentidos” em meio a eles (TOURINHO, 2010, p. 387).

Esta concepção fenomenológica prima pela busca das essências do fenômeno, por meio da utilização de entrevistas numa perspectiva que centra nas trajetórias de vida dos migrantes, as quais:

(...) permitem que a partir da narrativa da pessoa reconstituamos sua trajetória de vida: os lugares em que viveu, suas experiências topofóbicas e topofílicas, percepções e sentimentos, etc. A história migratória serve de fio condutor da biografia da pessoa no espaço e no tempo. (...) A entrevista (...) toma o caráter de conversa: ato recíproco e contínuo que pressupõe uma disposição diferente do pesquisador diante de seu informante. (...) Uma conversa tem a vantagem de permitir esses laços, já que a diretriz do conhecer supera a determinação de uma lista de perguntas (MARANDOLA JR, 2008a, p. 110).

Por isso, mais que formular qualquer tipo de generalização sobre estudantes-migrantes de Igarapé-Açu, o vital para o percurso metodológico desta pesquisa foi conhecer suas narrativas para ter um aporte interpretativo de um fenômeno populacional, constituído pelo ato de migrar diariamente para Igarapé-Açu. Oliveira e Cunha (2008) afirmam que a fenomenologia precisa alcançar a manifestação da experiência na consciência

de quem experimenta o fenômeno, sobre o qual a linguagem é importante aporte para que entendamos os significados que as pessoas atribuem à sua vivência. Antes de nos adentrarmos a tais vivências, porém, julgamos central expor certas abordagens teórico-metodológicas sobre as questões migratórias e pendulares, o que foi feito a seguir.

MIGRAÇÃO E PENDULARIDADE: algumas abordagens

Ante a contemporaneidade que pauta indivíduos/grupos em constantes fluxos, Bhabha (1998) afirma que os significados de termos como “além” e “lá”, estão permeados por um imaginário que coloca a distância espacial como um imperativo inevitável para as populações alcançarem melhorias, em um suposto futuro promissor. Ainda segundo o autor, ao mesmo tempo, termos e sentidos do “aqui e agora”, o presente, são invadidos por sensações constantes de desconexão entre as experiências e aquilo/aqueles que estão nas proximidades.

Estas sensações caracterizam-se pela redefinição de como populações encaram sua presença nos seus respectivos meio sociais e temporais, onde os imaginários enunciados por este contexto dão conta de uma noção de distância espacial ancorada em questões que envolvem mais o *ir* e o *chegar*, do que o *estar*. Esta noção não deve ser compreendida apenas em seu sentido físico, mas como apresentação de possíveis caminhos para indivíduos/grupos arquitetarem sonhos e metas em lugares que apresentem melhores perspectivas.

Por conta deste contexto, migrar aparece como um fenômeno para responder aos clamores do mundo à nossa volta, exigente por habilidades, competências e aptidões, cobrando sermos tudo que precisamos ser em outros locais, onde aparentemente encontraríamos estabilidade em nossa própria sobrevivência pessoal e profissional. Ante este fenômeno tão importante para a compreensão das populações, segundo Marandola Jr e Dal Gallo (2010), as tentativas que as mais diferentes ramificações do conhecimento científico têm reunido para melhor compreender a migração, geraram ao longo da história uma confluência de abordagens e áreas do conhecimento, cada qual com seus instrumentos de análise e mensuração.

Para esta pesquisa, julgamos que é vital compreendermos as experiências do migrante, chegando a considerações que rompam os simples reflexos materiais e apontem caminhos para enfrentamento das implicações nas experiências cotidianas dos migrantes,

com seus riscos, sonhos e esperanças. Sobre esta migração vivida, Marandola Jr e Dal Gallo (2010, p. 409) explanam que:

(...) migrar é sair do seu lugar, envolvendo processos de redefinições das territorialidades, que não são necessariamente sucessivos nem ordenados. Que significa, para a constituição da identidade e do eu, o rompimento da ligação original ser-lugar-natal? Em termos ontológicos, há um abalo na segurança existencial e na identidade territorial que precisam ser compreendidos como elementos centrais do processo migratório.

A pendularidade, porém, traz à tona a existência do migrante em um cenário no qual “sair do seu lugar” não é permanente e o “rompimento” se dá apenas por algumas horas do dia, o que não significa menor abalo nas suas experiências nos lugares. Ao se deparar com vivências que anteriormente não faziam, ou efetivamente ainda não fazem parte de seu modo de vida, em um novo ambiente, as relações de inserção e pertencimento levam ao afloramento de sensações que revelam um misto entre estranhamento e reconhecimento com aquilo que não era “natural”, e, portanto cotidiano, ocasionando o estabelecimento de novos sistemas de relacionamento em um determinado lugar.

Marandola Jr e Ojima (2014) definem este fenômeno da pendularidade em dois âmbitos: uma migração diária que envolve o ir-e-vir de pessoas entre cidades, formando uma bacia de empregos ou uma centralidade regional em torno de um polo para inserção no mercado de trabalho e consumo, e num outro âmbito, fenômeno que marca escolhas individuais e estilos de vida atuantes na estruturação do cotidiano dos migrantes pendulares. Contextos metropolitanos e/ou regionais, onde migrantes pendulares espacializam tentativas de uma melhor reprodução socioespacial, mobilizando suas rotinas num ir-e-vir diário que pretende alcançar qualidade de vida em cidades de diversos portes (OJIMA; SILVA; PEREIRA, 2007).

Ao referenciar a qualidade de vida dos migrantes pendulares, começamos a adentrar a enfoques mais direcionados à figura migrante, partindo de suas experiências, numa espacialidade marcada pela mobilidade. Marandola Jr (2008b) expõe que as relações de tempo e distância perpetradas pelo incremento da mobilidade nos dias atuais, reorganizam nossas sensações em relação às significâncias da casa, vizinhança e identidade comunitária, pois nossos olhares cotidianos incidem agora sobre novas formulações sobre como encaramos permanências e vulnerabilidades, nosso habitar e a fluidez que acaba caracterizando o espaço.

Atentaremos aqui, mais especificamente à pendularidade estudantil, sobre a qual visualizamos Ojima, Silva e Pereira (2007) também nos chamando a atenção para o

elemento educacional nos estudos migratórios, pois pode engendrar uma série de análises essenciais para entender deslocamentos populacionais como forte percussor na geração de novos padrões de vida e moradia, especialmente a pendularidade. Este cenário de movimento populacional de estudantes para responder a diversas cobranças e efetivar sonhos que incluem o planejamento de toda uma nova fase da vida e de experiências, tem reflexos em regiões inteiras do interior paraense, com particularidades individuais e coletivas que cabem aos estudantes da Amazônia.

Este processo é constado no estado do Pará, em pesquisas como a de Oliveira e Oliveira (2013), onde se ressalta que para delinear o papel polarizador de cidades médias paraenses como Santarém, localizada na mesorregião do Baixo Amazonas, é fundamental se remeter ao fluxo de estudantes-migrantes de diversas localidades da região em busca das universidades inseridas na cidade. Bentes e Raiol (2015) mostram que se trata de um fenômeno em plena expansão em diversas mesorregiões paraenses: em outro extremo do Estado, na mesorregião Nordeste Paraense, Vigia de Nazaré, uma cidade considerada de pequeno porte, acaba exercendo um papel de centro polarizador por conta dos serviços educacionais que atraem significativo contingente de universitários de outros municípios.

Também visualizamos a ocorrência sistemática deste fenômeno migratório de universitários e universitárias rumo ao Campus da UEPA de Igarapé-Açu, engendrando um espaço de narrativas e histórias com peculiaridades estudantis, guiado pela cotidianidade pendular de vidas que transcorrem às margens primordialmente de rodovias. Por isso, as conversas com universitários e universitárias, nesta pesquisa, foram fundamentais para compreender um espaço marcado por percepções que revelam municípios como verdadeiros cenários de constante transitoriedade, adaptados á busca para suprir necessidades e alcançar oportunidades.

“AQUI” OU “LÁ”? PENDULARIDADE COMO INSTABILIDADE

Em entrevista, a estudante-migrante 1 relatou a pendularidade estudantil como um fenômeno que engendra um quadro de instabilidade desconcertante, como vemos na seguinte fala abaixo:

A minha santa Isabel hoje, se encontra meio que de lado, parece que eu não me sinto pertencente a ela. [...] A maioria dos nossos trabalhos [da universidade] sempre são voltados para Igarapé-Açu, a gente procura conhecer mais aquele município, a gente estuda mais aquele município, eu estando em Santa Isabel estou estudando Igarapé-Açu, então é o mesmo que estar e não estar aqui (Trecho extraído de entrevista realizada em 06/12/2014).

A mesma migrante explicitou em outro momento da entrevista, estar inserida há um longo tempo com sua residência no município, mas ter toda esta história de vida nele não a resguardou, ante a migração pendular, de sentir a espacialidade como alheia às suas experiências na atualidade e àquilo que sua cidade de origem representava e significava até pouco tempo.

O ápice dessa vida migrante de fluidez diária se revela na expressão “estar e não estar aqui”, como se o fluxo migratório pendular possibilitasse aos migrantes *estar* em suas cidades de residência e Igarapé-Açu ao mesmo tempo. Ou pior, sentir um vazio na sua espacialidade cotidiana que a leve a *não estar* em local nenhum, colocando a migração como aporte para uma contradição espaço-existencial⁴: ao mesmo tempo em que é via de acesso para um futuro melhor, e, portanto melhor reprodução socioespacial, pode também ser responsável por vilipendiar vínculos e afetividades que os significados da sua cidade de origem estruturaram, estruturam ou estruturariam.

A fala do estudante-migrante 2 apresenta percepções semelhantes:

[...] a gente acaba perdendo aquela questão do pertencimento [...] passa a ficar um pouco entre dois lugares [...] criar um vínculo com outro lugar e o teu próprio lugar passa quase que a não ser o teu lugar. [...] Eu moro em Maracanã, mas é como se eu tivesse a sensação de estar em outros lugares também (Trecho extraído de entrevista realizada em 05/01/2015).

O estudante-migrante coloca que a sua vida agora tem contornos que não o levam a habitar, a *estar*, nem em Maracanã, nem Igarapé-Açu: ele entende está localizado no “entre”, numa espécie de intersecção espacial que cria e destrói vínculos com os lugares. Nos termos propostos por Dal Gallo (2010, p. 25), seria um *estar-entre*, processo no qual:

O migrante está entre, na medida em que tem sobre si, ao mesmo tempo, o “aqui” e o “lá”, o corpo não se encapsula num “aqui”, porque ele também está “lá”. Este “estar-entre” pode ser entendido também como um trânsito entre lugares. (...) “Estar-entre” reflete o movimento de fragmentação e diversificação das experiências, que os diferentes contextos propiciam.

Para o estudante-migrante em questão, este movimento fragmentado e diversificado irá ser compreendido como um *estar-entre* onde ao mesmo tempo em que sua cidade de moradia é relatada como o seu “próprio lugar”, da moradia fixa, estrutura familiar e

⁴ “Esta dimensão está no cerne das reflexões dos geógrafos humanistas, sendo ela considerada essencial para o entendimento do nosso ser-no-mundo.(...) Pois afinal de contas, o âmago das implicações e questões que brotam do fenômeno migratório está no migrante, no ser migrante” (DAL GALLO, 2010, p. 14).

memórias que qualificam diversos locais da cidade, é também entendida como espaço em pleno processo de perda de vínculo afetivo, de “não ser o teu lugar”. *Estar-entre* se revela para o migrante pendular como criação e destruição de vínculos tão profundamente marcantes para as suas vivências e experiências diárias em outros locais, que apesar de não ocorrer mudança de endereço definitiva, o seu morar no município apresenta instabilidades no momento de senti-lo, de pertencer, de se considerar inserido efetivamente como habitante de lá.

Este *estar-entre*, tem em seu vértice significâncias existenciais que dão aos locais de origem e de destino diário, conotações que acabam por se diluir apenas como meros espaços de saída e chegada para alcançar metas/objetivos, podendo até permitir aos indivíduos continuarem na sua terra natal, porém, de uma forma alheia ao pertencimento e enraizamento de outrora, sem referências fixas que gerem laços de afetividade.

Estas formas de encarar os lugares podem assumir claramente facetas de confusão e verdadeira angústia para o migrante. Nos termos propostos por Bhabha (1998), são sensações de desorientação e distúrbio que envolvem e ressignificam o tempo-espaço e atinge pares existenciais como diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão, num contexto de desorientação das intersubjetividades compostas por um “*au-delà*” – aqui e lá, de todos os lados – concomitante ao “*fort/da*”, para lá e para cá (BHABHA, 1998, p. 19).

A presença pendular do migrante não se manifesta como suficiente para reconhecer plenamente sua cidade, pois uma vez que esta é vivida como espacialidade fluída diante da pendularidade, engendra percepções de viver num município caracterizado por ser uma construção espacial embasada pela transitoriedade como prioridade na rotina cotidiana. É uma percepção também exposta quando o estudante-migrante 3 afirma: “[...] às vezes eu estava (em São Francisco do Pará), mas não estava tão presente” (Trecho extraído de entrevista realizada em 19/01/2015).

Percebemos a instabilidade e inserção física espacial do estudante-migrante repercutindo nas suas relações e significações, sendo possível atividades desenroladas em um determinado espaço, interferir nas percepções espaço-existenciais desenvolvidas em outro. Esta instabilidade nas relações com a cidade de residência fomenta experiências de um *entre-cidades*, condição espacial que emerge da rotina pendular migrante de estar em diferentes cidades, em diferentes momentos, mas vividas e experienciadas cotidianamente como intrínsecas, numa rotina que confunde ausência e presença em espaços considerados importantes.

O ato de reconhecer-se neste *entre-cidades* faz parte de um cenário de adaptabilidade migrante à rotina de migração pendular, indo em direção a um processo onde a transitoriedade e eventualidade das identidades, se apresentam como elementos necessários para o enfrentamento de mudanças e cobranças estruturais e institucionais (DAL GALLO, 2011). Para enfrentar este cenário e justificar o enfrentamento diário de vivências pautadas em uma mobilidade que se apresenta como instabilidade nos lugares, as populações migrantes precisam ressignificar em meio ao movimento diário o que se considera ser buscar o melhor para suas vidas, para suas experiências.

Tal instabilidade, entretanto, pode revelar também uma percepção de resistência à perda de traços identitários considerados importantes, como desvela a fala abaixo da estudante-migrante 4, atual residente de Castanhal, mas que informou morar na cidade principalmente para estudar:

Desde que eu vim morar pra cá [Castanhal], em 2012, de vez, logo eu me acostumei, eu gostei de morar aqui. Eu já estou acostumada. Mas [...] eu não consigo me considerar muito castanhalense não [...] eu tenho comigo me considerar capinense e tem muita gente de Castanhal que me chama de capinense porque eu sou de lá do “capim” [a cidade de São Domingos do Capim] [...] eu até nasci em Castanhal, mas não me considero castanhalense (Trecho extraído de entrevista realizada em 04/02/2015).

A migrante insere o sufixo “ense” para determinar sua procedência ligada diretamente à cidade de São Domingos do Capim, local de origem intensamente propalada por ela e reconhecida por pessoas ao redor da migrante como marcante para sua identificação, por mais que agora não passe de uma cidade visitada e abandonada definitivamente por Castanhal. Podemos então dialogar com Relph (2012) quando fala sobre um espaço da vida que é construído na relação entre um grupo cultural e o espaço, de modo que os indivíduos, em suas relações concretas com o mundo partilham de símbolos, experiências e signos comuns de socialização que os particulariza e os diferencia de outros.

Nem o fato de ter nascido e atualmente residir permanentemente em Castanhal são suficientes para a migrante romper laços de naturalidade com a identidade de capinense, sobre a qual a migrante expressa intensidade de vínculo ainda no presente, quando se refere a São Domingos com a expressão “eu sou de lá”, que ressoa como afirmação de relacionamento. Estudar em Igarapé-Açu pode ter demandado abandono físico definitivo da cidade de São Domingos, mas as vivências de toda uma vida marcaram a identidade do lugar como intrinsecamente ligada à migrante, certamente atingida pela pendularidade

fomentada pela trajetória Castanhal-Igarapé-Açu, mas com significações de um *entre-cidades* que permite ao mesmo tempo se sentir pertencente a uma cidade, mas moradora de outra.

Como afirma Relph (2012, p. 378):

[...] the individual is not merely in his own place at the centre of his own place, but recognises from the start that all other individuals have their perceptual space and places. Furthermore he is aware that these constitute just part of the more or less agreed on and consistent lived-space of the entire social or cultural group of which he is a member.

Aqui o autor expõe que os indivíduos reconhecem seus lugares próprios e sabem que os outros também percebem os seus, porém, que isto é parte de uma experiência mais ampla que aproxima indivíduo ao grupo que está inserido, como um acordo mais ou menos consistente de partilha social e cultural de referências comuns.

Consideramos aqui que os migrantes pendulares acabam por partilhar referências pautadas em “rupturas” diárias, formando uma rotina transcorrida em uma espacialidade que se manifesta como parcialidade despedaçada pela rotina migratória, a qual cria novos sentidos no habitar em meio à rotina *entre-cidades*. Novos significados onde velhas e novas rotinas se encontram e desencontram, onde velhas e novas pessoas são encontradas e desencontradas, onde origem e destino engendram percepções espaciais constituídas em meio ao fluxo.

IMPACTOS PENDULARES NO HABITAR NAS CIDADES

Os impactos de tamanha transitoriedade nas relações habitar-cidades-pessoas são inevitáveis, como fica claro na fala do estudante-migrante 2:

[...] de uma certa forma a gente deixa de ser um morador mais presente [...] o nosso estar presente no município é parcial [...] eu tenho que admitir que não me mantenho tão conectado com a sociedade maracanaense hoje. [...] Muitos problemas, muitos assuntos eu fico sabendo por terceiros (Trecho extraído de entrevista realizada em 05/01/2015).

Como vemos, este processo de parcialidade da presença do migrante pendular afasta a sua cidade de si, formando uma sociedade compreendida a partir da ausência e percebida como “desconectada” de seu cotidiano, com questões locais percebidas como distanciadas de sua vida e resolvidas “por terceiros”, por quem está mais presente lá, por quem não é um morador “parcial”. Logo, diversas cidades amazônicas estão sendo cada

vez mais marcadas pela dispersão das experiências espaciais de seus habitantes com os sentidos de *estar*, *não estar* e *entre*. Dispersão que situa as experiências migrantes em uma transitoriedade caracterizada pelo estar *entre-cidades*, condição que se manifesta por desvínculos com os lugares.

Nestes termos, cabe atentar para uma compreensão sobre a pendularidade que não encare os fluxos como embasamento para um simples tabelamento de dados e informações populacionais e planejamentos urbanos, por vezes, alheios às pessoas que os compõe e os animam. Seguindo a proposta de Dal Gallo e Marandola Jr (2015), precisamos pensar a dimensão da existência do ser-no-mundo, encarando como importante objetivo, enfatizar a construção de uma poética do habitar, sem nos restringirmos a um único campo/área disciplinar.

Aqui, nos limites deste artigo, esta construção gira em torno primordialmente da busca por compreender implicações onde ser migrante, pode e necessita de um enfoque na revitalização dos significados de habitar poeticamente, uma vez que diante de processos ausência-presença, o ato de habitar precisou ser reconstruído diante de experiências de não estar “tão conectado”. Um habitar que precisa ser pensado a partir do sentido que coloca Heidegger (2012a, p. 129):

Habitar, ser trazido à paz de um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência. *O traço fundamental do habitar é esse resguardo*. O resguardo perpassa o habitar em toda a sua amplitude. Mostra-se tão logo nos dispomos a pensar que ser homem consiste em habitar e, isso, no sentido de um de-morar-se dos mortais sobre essa terra (Grifo do Autor).

Ante as possibilidades iminentes do ir-e-vir pendular, os olhares construídos pela intencionalidade de indivíduos em relação a sua moradia/residência revelam dinâmicas marcantes, visto que, os impactos sobre o habitar revela cada vez mais a dispersão do “de-morar-se” e o erigir de contextos onde, “o que hoje se entende por habitar está açulado pelo trabalho, revolvido pela caça de vantagens e sucesso, enfeitado pelo lazer e descanso organizados” (HEIDEGGER, 2012b, p. 165).

Diante do fenômeno da pendularidade, contingentes populacionais precisam lidar com as implicações de (re)construir o habitar nas suas cidades em meio às rotinas do constante ir-e-vir. Dentro deste quadro de ausências e presenças, o que está perto pode acabar se tornando distante da vida do migrante, como fica claro na seguinte fala do estudante-migrante 3: “[...] algo que estava perto de mim, eu não consigo observar [...] houve determinadas situações que eu queria ver, como por exemplo, a greve dos

professores [...] de alguma forma, eu perdi isso por causa do deslocamento” (Trecho extraído de entrevista realizada em 19/01/2015).

Para o migrante, um estudante do curso de licenciatura não acompanhar os desdobramentos de uma greve de professores, o insere em um fenômeno de transitoriedade constante entre municípios que possibilita seus sonhos e metas para um futuro melhor, mas constrói percepções de viver em uma cidade desconhecida e indiferente à sua presença. Sem a presença do migrante, a cidade pode acabar não sendo compreendida por este com um sentido de lugar, que remeta a percepções do quão bom é *estar* em lugares que são um centro de interesse na vida do indivíduo (BUTTIMER, 2015).

O viver em meio ao fluxo diário pode significar não apenas reestruturar as percepções construídas durante anos em relação aos lugares experienciados, mas como afirma Buttimer (2015), efetivamente correr o risco de lidar com implicações psicológicas e emocionais em um espaço conhecido e que ao mesmo tempo pode ser estranho. Cidades onde apesar de morar e ter relações construídas ao longo de toda uma vida, são (re)criadas em suas relações, expondo a existência migrante em seu município de residência a um estranhamento, como afirma a estudante-migrante 1:

Minha Santa Isabel ficou um pouco distante de mim e, às vezes, eu falo pra mamãe que parece que eu passo mais tempo conhecendo e me sentindo parte de Igarapé-Açu do que da minha própria cidade. [...] Às vezes eu me sinto mais pertencente à Igarapé-Açu do que à própria Santa Isabel (Trecho extraído de entrevista realizada em 06/12/2014).

Ao mesmo tempo em que a migrante ainda mora dentro de Santa Isabel, sua trajetória constante a faz redefinir Igarapé-Açu como um espaço prioritário na sua rotina, processo que pode ser fundamental para formar lugares onde lá se reconheça, embora desperte um caráter de desconforto e desconstrução na sua cidade de residência. É importante ressaltar que a fala faz referência à Santa Isabel reconhecida pela migrante como lugar do habitar, apropriada pelo imaginário por experiências e vivências estabelecidas por ela ao longo dos anos, mas agora entendida como profundamente alterada e em risco até mesmo de desaparecer com todo este sistema simbólico estruturado durante toda uma vida familiar, social, cultural, etc.

Em meio à vida contemporânea de alta fluidez pelas/nas cidades, recompor e redirecionar suas vivências e experiências espaciais é uma habilidade imprescindível para o migrante. Uma vida com instabilidades que podem ser até mesmo insuportáveis, pois trajetórias tão conhecidas, lugares tão importantes, interações com pessoas tão marcantes,

em curto espaço de tempo correm o risco de cair na estranheza, suplantando uma relação de intimidade com o lugar:

Cada troca íntima acontece em um local, o qual participa da qualidade do encontro. Os lugares íntimos são tantos quantos as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contato. Como são esses lugares? São transitórios e pessoais. Podem ficar gravados no mais profundo da memória e, cada vez que são lembrados, produzem intensa satisfação (TUAN, 2013, p. 172).

O avanço de uma transitoriedade que desenraiza o contato com estes lugares íntimos traz percepções que o habitar tão conhecido hoje, amanhã pode ser desmontado e substituído, como um cenário de teatro que precisa abrir espaço para novos atores, novas personagens, novos dramas a serem desenvolvidos, mas não suficientemente “gravados” na intimidade de uma relação ser-lugar.

Diante de tamanha instabilidade e incerteza, é possível compreender as percepções migratórias que constroem a fala da estudante-migrante 4: “Eu não pretendo ficar nesse tipo de migração [...] porque é mais gasto, é cansativo também. [...] No começo, nunca passou pela minha cabeça ficar nesse negócio de ir e voltar no mesmo dia [...] se eu puder, eu vou evitar com certeza” (Trecho extraído de entrevista realizada em 04/02/2015). A estudante-migrante entende a migração definitiva, ou ao menos mais permanente, para outras cidades como fenômeno com características de uma mudança menos penosa e agressiva às suas vivências e experiências, pois estar continuamente nos locais das atividades diárias permitiria extirpar algumas problemáticas da pendularidade.

Nesta acepção, os problemas de ser migrante pendular só vêm a somar com outros danos espaço-existenciais inevitáveis a quaisquer outros grupos migratórios, já impactados por uma série de metamorfoses abruptamente operadas nos seus lugares. Nestes termos, estar no fluxo pendular diariamente pode significar estar num constante estado de distanciamento e separação que:

(...) Teria a potencialidade e o efeito de provocar um estado de angústia, desconforto e insegurança, pois o deslocar-se causaria um distanciamento dos referenciais identitários e o afrouxamento da conectividade/receptividade sujeito-lugar, colocando o indivíduo em um estado momentâneo de suspensão (desenraizamento). O migrante torna-se o Outro, o estranho, o estrangeiro, isto é, vive o desencontro espacial (...) (DAL GALLO; MARANDOLA JR, 2010, p. 176).

As implicações existenciais de uma vida na transitoriedade, que adquire traços de uma diária e rotineira inconstância nas cidades, nos leva a reflexões de um migrante

pendular que pode ser focado como indivíduo cotidianamente inserido em uma instabilidade geradora de angústias no seu habitar. Ao abordar a ontologia fenomenológica em Heidegger, Dartigues (1992) traz a tona que o ser-no-mundo é um ser-aí (*dasein*)⁵, que tem em um dos seus âmbitos, a sua existência em uma “mundanidade” marcada pela angústia de estar desprotegido ante o mundo ao seu redor, sendo este responsável por (re)construí-lo como alguém que se percebe atingido por relações de estranhamento e, até mesmo, certa sensação de impotência ante os riscos e medos de ser ele próprio ser-no-mundo.

A angústia logo revelará consequências no/sobre o *Dasein* e como ele se portará em relação a todo esse processo: “Agora o Dasein não se sente mais ‘em casa’, ele se sente ‘isolado e estrangeiro’, arrancado à ‘pátria da existência pública’ onde estava à vontade como em sua morada. *Mas era essa sua verdadeira morada?*” (DARTIGUES, 1992, p. 135, grifo nosso). Tentar encontrar respostas a esta indagação, reverbera em tentar entender as implicações da migração em uma existência em que ser migrante pendular, é estar em constante trânsito, demandando cobranças feitas ao migrante em se encontrar, se (re)afirmar ou mesmo se indagar em relação ao significado do seu habitar, cada vez mais caracterizado por ser diariamente percebido em ausências e presenças.

Como apontam Marandola Jr. e Ojima (2014), os inúmeros e complexos âmbitos que envolvem estas perspectivas existenciais de migrantes pendulares, urge deslocar as análises sobre este fenômeno dos meros reflexos da produção material da sociedade, para questões que levem em consideração variáveis próprias, como condições de produção e construção de significados. No cerne do movimento pendular dos estudantes universitários, começamos a visualizar percepções onde os significados da busca por melhor qualidade de vida, engendram populações marcadas pelo constante viver num *entre-cidades*, que instabiliza habitar efetivamente o *aqui*, o consolidado, o conhecido, o íntimo.

Ante estes processos de construção/desconstrução/reconstrução baseados na pendularidade, será preciso espacializar a existência em lugares onde é preciso enfrentar a constante percepção de transitoriedade/eventualidade, com paradoxos de ter residência fixa, mas ao mesmo tempo tão pouco vivida diariamente; de habitar cidades onde se considera *estar* presente, mas ao mesmo tempo tão ausente; lugares onde se construiu estabilidade durante uma vida, mas ao mesmo tempo, abalados em seus sentidos pela presença-ausência atual.

⁵ “Este ente, que nós mesmos somos, e que tem, por seu ser, entre outras coisas, a possibilidade de colocar questões, será designado com o nome de ser-aí (*Dasein*)” (HEIDEGGER, 1964 apud DARTIGUES, 1992, p. 130).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conversas com quatro universitários e universitárias revelaram a busca pelo sonho de ser universitário, como uma dinâmica vivida que cobra dos estudantes-migrantes sua própria capacidade de ter que se reconhecer e identificar enquanto habitante de algum lugar que fica entre o local de estudos, a mobilidade diária e a cidade de origem. A migração pendular trouxe novas rotinas, as quais passam a suscitar, novos significados à ausência e presença em relação a âmbitos que se denotam mais relacionados ao lugar de origem, como enraizamento e pertencimento.

Mais do que isso, porém, a migração pendular monta um verdadeiro cenário de ir-e-vir de experiências, destruídas e reconstruídas a partir de atividades que atuam como vetor do processo migratório diário. Um *entre-cidades* recheado de percepções e apreensões que resvalam e impregnam grupos e/ou indivíduos de cidades amazônicas de diversos portes, que se inserem/são inseridos intensamente em um quadro nacional maior, que avança por conta da crescente transitoriedade diária de trabalhadores e/ou estudantes nas cidades, e cada vez mais fora de contextos metropolitanos (OJIMA, 2016), como apontado na espacialidade dos referidos estudantes-migrantes.

Trata-se da espacialização de uma existência *entre-cidades* que pode transformar o habitar nos municípios em espaços que podem acabar sendo considerados pelos seus habitantes, aptos apenas a abrigarem percepções de passagem/trânsito, olhares de frivolidade porque se adaptam à busca para suprir necessidades que se transvestem de oportunidades, mas revelam uma verdadeira espacialização de instabilidades nas percepções sobre o habitar.

É preciso pensar que, no contexto apresentado nesta pesquisa, partem rumo à universidade em Igarapé-Açu alunos e alunas com as mais diversas formas de compreender os espaços em meio ao fluxo, mas que partilham em comum, uma vida que deixa traços diariamente em cidades de origem e destino. Em comum, estes diferentes estudantes-migrantes apresentam percepções espaciais marcadas por uma rotina pendular, que envolve Igarapé-Açu e outros diversos municípios numa espacialidade onde as relações com os lugares são pautadas pela constante transitoriedade em alcançar sonhos de um futuro melhor.

Como já dito em outro parágrafo, estivemos longe nesta pesquisa de generalizações de todo este contexto regional aqui apresentado, partindo antes, mais incisivamente para compreensões dos estudantes-migrantes como pessoas que trazem consigo vivências e

experiências, num cotidiano de transitoriedade que os situa mais *em meio* à migração pendular, do que no *aqui* ou *lá*. Foi um esforço inicial e, de certa forma, convite para encontrarmos em futuras pesquisas elementos essenciais e intersubjetivos que podem trazer à tona o similar, mas também o que há de diferente e singular nas experiências pendulares nas/das cidades amazônicas e brasileiras.

REFERÊNCIAS

BENTES, Laressa; RAIOL, Rita de Kássia Siqueira. Os deslocamentos interurbanos em função do acesso aos serviços educacionais especializados: um estudo sobre o município de Vigia-Pará. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 14., 2015, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** Fortaleza: UFC/UECE/MAG-UVA, 2015. p. 1-21. Disponível em: <<http://simpurb2015.com.br/anais-2015/>>. Acesso em: 23 Set. 2016.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Instituições de educação superior e cursos cadastrados**. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 13 out. 2016.

BUTTIMER, Anne. Lar, horizontes de alcance e o sentido de Lugar. **Geograficidade**, V. 5, n. 1, p. 4-19, verão 2015. Disponível em: <<http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/214/pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

DAL GALLO, Priscila Marchiori; MARANDOLA JR, Eduardo. O pensamento heideggeriano na obra de Éric Dardel: a construção de uma ontologia da Geografia como ciência existencial. **Revista da ANPEGE**, v. 11, n. 16, p. 173-200, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://anpege.org.br/revista/ojs-2.4.6/index.php/anpege08/article/view/456/0>>. Acesso em: 20 maio 2016.

DAL GALLO, Priscila Marchiori. Lugar e identidade na experiência migrante: entre eventualidade e transitoriedade. **Geograficidade**, v. 1, n. 1, p. 44-58, inverno 2011. Disponível em: <<http://www.uff.br/posarq/images/stories/Revista/Inverno de 2011/Artigos/Lugar e Identidade Geograficidades v1n1 Setembro2011.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

_____. **A experiência de ser migrante**: entre identidades e transitoriedades. 2010. 70 f. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

_____; MARANDOLA JR, Eduardo. O método do diário: buscando a experiência de ser migrante. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, UFG/IESA, v. 4, n. 3, p. 173-185, ago. 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/ateli/article/view/16660>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

DARTIGUES, André. **O que é Fenomenologia?**. 32. ed. São Paulo: Ed. Moraes, 1992.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: _____. **Ensaaios e conferências**. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012a. p. 125-142. (Col. Pensamento Humano).

_____. “... Poeticamente o homem habita...”. In: _____. **Ensaaios e conferências**. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012b. p. 165-182. (Col. Pensamento Humano).

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico - 2010**. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 13 out. 2016.

MARANDOLA JR, Eduardo. **Habitar em risco**: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. 2008. 278 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia: análise ambiental e dinâmica territorial, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008a.

_____. Entre muros e rodovias: os riscos do espaço e do lugar. **Antropolítica**, Niterói, UFF, v. 20, n. 24, p. 195-218, jan./jun. 2008b. Disponível em: http://www.uff.br/antropolitica/revistasantropoliticas/revista_antropolitica_24.pdf. Acesso em: 13 fev. 2016.

_____; DAL GALLO, Priscila Marchiori. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **Revista Brasileira de Estudos da População**, ABEP, v. 27, n. 2, p. 407-424, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://www.rebep.org.br/revista/article/view/108/pdf_102>. Acesso em: 20 mar. 2016.

_____; OJIMA, Ricardo. Pendularidade e vulnerabilidade na região metropolitana de Campinas: repercussões na estrutura e no habitar urbano. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, ANPUR, v. 16, n. 2, p. 185-204, nov. 2014. Disponível em: <<http://www.unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/rbeur/article/view/4750/4656>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

OJIMA, Ricardo; SILVA, Robson Bonifácio da; PEREIRA, Rafael Moraes. A mobilidade pendular na definição das cidades-dormitório: caracterização sociodemográfica e novas territorialidades no contexto da urbanização brasileira. **Cadernos IPPUR**, IPPUR, ano 21, n. 2, p. 111-132, ago./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.ippur.ufrj.br/download/pub/CadernoIPPUR20072.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

_____. Pessoas, prédios e ruas: por uma perspectiva demográfica dos processos urbanos contemporâneos. In: _____. MARANDOLA JR, Eduardo (Org.). **Dispersão urbana e mobilidade populacional**: implicações para o planejamento urbano e regional. São Paulo: Blucher, 2016. p. 17-34.

OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; CUNHA, Ana Maria de Oliveira. Breves considerações a respeito da fenomenologia e do método fenomenológico. **Cadernos da FUCAMP**, Fundação Carmelitana Mário Palmério, v. 7, n. 7, p. 1-12, 2008. Disponível em:

<<http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/103>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

OLIVEIRA, Himerson Eduardo Santos de; OLIVEIRA, Janete Marília Gentil Coimbra de. A importância do comércio para o desenvolvimento urbano e regional: uma análise sobre Santarém (PA). In: OLIVEIRA, Janete Marília Gentil Coimbra de (Org.). **Espaço, natureza e sociedade**: olhares e perspectivas. Belém: GAPTA/UFPA, 2013. p. 53-72.

RELPH, Edward. Reflective text: E. Relph, excerpts from *place and placelessness*. In: SMITH, Koridon (Ed.). **Introducing architectural theory**: debating a discipline. New York; Abingdon: Routledge, 2012 [1976]. p. 373-386.

TOURINHO, Carlos Diógenes Côrtes. Fenomenologia e ciências humanas: a crítica de Husserl ao positivismo. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba, PUCPR, v. 22, n. 31, p. 379-389, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/rf?dd1=4492&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

TRINDADE JR, Saint-Clair Cordeiro da. Cidades médias na Amazônia Oriental: das novas centralidades à fragmentação do território. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, ANPUR, v. 13, n. 2, p. 135-151, nov. 2011. Disponível em: <<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/rbeur/article/viewFile/399/375>>. Acesso em: 30 dez. 2015.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980.

_____. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013.